TRANS*FORMAR

Kaio Lemos [1], Luma Nogueira [2]

RESUMO

Resumo: Este trabalho tem por objetivo central o apoio e o fortalecimento das instituições LGBT através de formações e realizações de atividades em parcerias entre a UNILAB, as Coordenadorias LGBTT do Estado do Ceará e do município de Fortaleza e Serviços de Saúde do Estado do Ceará. A UNILAB é uma universidade que conta com um Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS) de onde surge este trabalho que conta com professores/as e discentes que contribuem diretamente com formações/palestras com foco nas questões de gênero e sexualidades. Inicialmente tem realizado pesquisas identificando as temáticas necessárias, assim como a identificação da necessidade da criação do banco de insumos (preservativos femininos e masculinos e gel lubrificante) para disponibilizar aos interessados(as) da comunidade local.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidades, Empoderamento e prevenções.

Palavras-chave:

Gênero. Sexualidades. Empoderamento. prevenções.

[1] UNILAB, PALMARES, Discente, e-mail: kaiolemosunilab@gmail.com
[2] UNILAB, PALMARES, Docente, e-mail: luma.andrade@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O trabalho parte de uma perspectiva feminista, pós-estruturalista e queer, cujo foco da atuação é o fortalecimento das instituições LGBT através de formações e realizações de atividades em parcerias entre a UNILAB e as Coordenadorias LGBT do Estado do Ceará e do município de Fortaleza. As instituições parceiras exercem um papel de grande importância no Estado do Ceará promovendo o combate as violências, discriminações e preconceitos relacionados a comunidade LGBT, trazendo o empoderamento teórico, metodológico e prático em parceria com o Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades UNILAB que vem atuando nas diversas instâncias sociais, principalmente na educação. Em estudos realizadas, como a de Abramovay (2004), em 14 capitais brasileiras com 16.422 estudantes de escolas públicas e privadas, 3.099 professores (as) e 4.532 mães e pais dos(as) estudantes, os resultados indicaram, entre outros tópicos, que cerca de 27% dos(as) estudantes não gostariam, por exemplo, de ter um(a) colega de classe homossexual, 60% dos(as) professores(as) não sabem como abordar a questão em sala de aula, 35% dos pais e mães não apoiam que os(as) filhos(as) estudem no mesmo local que gays e lésbicas e 49% dos estudantes masculinos disseram que homens que têm relações sexuais com outros homens são doentes.

Considerando ainda o resultado da pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE em 2009 sobre preconceito nas escolas, foi identificado que 99,9% dos entrevistados desejam manter distância de algum grupo social. Os deficientes mentais são os que sofrem maior preconceito, com 98,9% das pessoas com algum nível de distância social, seguidos pelos homossexuais (98,5%), ciganos (97,3%), deficientes físicos (96,2%), índios (95,3%), pobres (94,9%), moradores da periferia ou de favelas (94,6%), moradores da área rural (91,1%) e negros (90,9%). Nas duas pesquisas realizadas no ambiente escolar, ficou explícita a presença da "LGBTTfobia" nas escolas. Não apenas na escola ocorre a referida fobia, mas para além deste espaço, segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) de 2013-2014 também mostrou como o ódio as homossexualidades mata. Mais especificamente, um gay é morto a cada 28 horas no país. Foram documentados 312 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil em 2013. O Brasil continua sendo o campeão mundial de crimes homo-transfóbicos: segundo agências internacionais, 40% dos assassinatos de transexuais e travestis no ano passado foram cometidos em nosso país.

Os processos de exclusão LGBT'S, muitas vezes são processos invisíveis, presentes na sociedade, levando os sujeitos historicamente falando a um processo normativo em que se "naturaliza" violências e preconceitos a esse grupo nas relações e espaços sociais. Esses processos negativos contraria o estabelecido na Constituição Federal, nos artigos 205, no qual o princípio de igualdade é fator que deve ser garantido a todos e a todas, não pondo nenhuma restrição em relação às diferenças de qualquer natureza, sendo de forma generalizada assegurado o direito ao exercício da cidadania. A lei é um dispositivo de poder (FOUCAULT, 1993), portanto pode ser apropriada pelas minorias, objetivando promover rupturas e mobilidade.

METODOLOGIA

A metodologia para o desenvolvimento da presente proposta de extensão que consideramos mais adequada foi a "comunicativa-crítica" criada pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA/UB):

A metodologia comunicativa-crítica é entendida pelos membros do NIASE como caminho metódico de

compreensão e de ação no mundo. Caminho metódico de estudo cuidadoso da realidade, buscando mirá-la e admirá-la de diversas perspectivas e, neste caso, caminho feito em diálogo entre pesquisadoras (es) e participantes da realidade investigada, para movermo-nos no mundo e transformar a realidade vivida. A teoria dialógica de Paulo Freire e a teoria da ação comunicativa de Habermas são as bases de tal metodologia de pesquisa e de ação social e educativa (extensão). (MELLO, 2008)

Esta metodologia contribuirá diretamente com a aprendizagem dos discentes envolvidos no desenvolvimento de trabalhos que tem como foco a "extensão universitária" ou "comunicação universitária" no pensamento de Freire (1979), como princípio de convivência e educação. Esta metodologia se configura como "espaço de diálogo entre iguais" e tem como premissas:

• O estudo do mundo da vida cotidiana se baseia na reflexão dos próprios atores.

•Os atores orientam suas ações dependendo de suas próprias interações, que resultam da interação com os demais.

• Os atores estão permanentemente interpretando e definindo suas vidas a partir de sua situação atual, na relação com os demais e com o seu contexto (CREA, 1998, p. 70).

Nesta perspectiva será possível com esta metodologia conduzir nosso trabalho em parceria com as coordenadorias envolvidas de forma a compreender suas necessidades e estabelecer a comunicação sem hierarquia com foco em promover a transformação social com as formações/ações construídas coletivamente. Assim, deliberamos que o primeiro mês de atuação do trabalho será para o diálogo com os parceiros para definição das formações necessárias e demais ações que poderemos contribuir e este diálogo permanecerá no decorrer do trabalho, pois podem surgir necessidades de modificações do que fora definido inicialmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esperamos através desse projeto poder contribuir diretamente com o empoderamento das coordenadorias LGBT de Fortaleza e do Estado do Ceará de forma a potencializar seu trabalho. Esta parceria possibilita a universidade e as citadas instituições o fortalecimento ao entrelaçar teoria e prática na produção da práxis necessária ao ensino-aprendizagem dos envolvidos. Neste sentido este trabalho em conjunto potencializa a quebra do preconceito e da discriminação com a população LGBT, tendo em vista que o fruto desta parceria será disseminado em diversos espaços de formação social.

É importante destacar que a criação do banco de insumos da UNILAB em parceria com a Secretária de Saúde do Estado do Ceará possibilitou a efetivação do trabalho de prevenção ao HIV/AIDS.

CONCLUSÕES

O trabalho em fase de continuação alcança objetivos estabelecidos no plano de trabalho. O discente bolsista do projeto desenvolveu através da teoria, de encontros semanais de estudo e também através da prática atuando no campo uma dinâmica de trabalho articulando ensino-pesquisa, formações contemplaram a necessidade das instituições e comunidades parceiras. Contribuímos com o empoderamento teórico e prático das coordenadorias LGBT envolvidas no combate à discriminação e preconceitos para com a população LGBT e ampliar o olhar relacionado a prevenção HIV/AIDS.

AGRADECIMENTOS

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (Org.). *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano***:** arte de fazer. Petrópolis- RJ: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. *O saber local:* novos ensaios em antropologia interpretativa/Clifford Geertz. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes 1997.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução Maria
Gohn, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil*: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro, edições Graal, 1988a.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

MAC NA GHAILL, M. Decontructing heterosexualities within school arenas. Curriculum Studies. Vol. 4(2), 1996.

MAGNANI, J. G. Horizonte Antropológicos, Porto Alegre, UFRGS, IFCH, Programa de pós-graduação em Antropologia Social. PPGAS, ano 15, n. 32, 2009.

MELLO, R. R. Metodologia Comunicativo-Crítica: avanços metodológicos e produção de conhecimento na extensão universitária. In: Araújo Filho, Targino; Thiollent, Muchael. (Org.). Metodologia para projetos de extensão: apresentação e discussão. 1ed.São Carlos: Cubo Multimídia, 2008, v. 1, p. 8-39.

PRIORE, Mary del; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

1.